

**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE**  
**+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP**  
**+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**

## **O CHECKPOINT DE NGE LAY E A URGÊNCIA DE FALAR DE NOSSAS VULVAS**

Maria Cristina Simões Vlviani

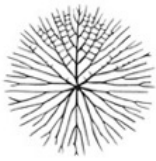
### **Introdução:**

Em uma viagem à Tailândia, andando pelas galerias da capital, me deparei com o trabalho da birmanesa Nge Lay no Centro de Arte e Cultura de Bangkok. Sua obra fazia parte da Bienal de Arte de Bangkok e ficou exposta no segundo semestre de 2018. A obra me despertou interesse e logo a relatei com leituras feministas e decoloniais acadêmicas, percebendo como as questões sobre ser mulher encontram suas intersecções mesmo em realidades e contextos tão distintos.

A artista nascida em um dos países vizinhos à Tailândia, Mianmar, o qual eu já havia visitado anteriormente, traz em seu trabalho chamado “Checkpoint” questões ligadas ao gênero. Bacharela em Arte e Cultura pela Universidade de Yangon, a artista constrói uma vagina feita de tecido com dimensão suficiente para ser atravessada por um adulto. Essa vagina, pendurada na vertical nos museus onde é exibida, é uma obra de interação em que o visitante pode perpassá-la, assim como uma porta. Não à toa, o nome “Checkpoint” remete a uma passagem obrigatória, em que o indivíduo deve se identificar. A artista usa a expressão em língua inglesa para se referir ao momento do parto, em que todo ser humano, independentemente do sexo, passaria pela vagina. Com o seu trabalho, Lay nos lembra que “todos nós passamos por esse portão para chegarmos aqui”. A artista ainda acrescenta de que gostaria que as pessoas passassem pelo seu trabalho como um portão, percebendo que é a partir daquele lugar, a vagina de uma mulher, onde se inicia a vida humana.



“Checkpoint” – Nge Lay, Bienal de Arte de Bangkok, 2018.



## **Metodologia**

A metodologia utilizada para a realização do presente artigo foi a revisão de uma literatura focada numa crítica feminista decolonial. Foi construída uma análise acadêmica com base em uma bibliografia que busca debater problemáticas sociais a partir da perspectiva proposta por Anibal Quijano (2005) de “colonialidade do poder”. O autor destaca a permanência das relações sociais hierárquicas de exploração e dominação construídas pelas relações coloniais dos séculos anteriores, identificando uma dependência histórico-estrutural. A proposta decolonial seria então uma narrativa de desconstrução tanto do ponto de vista político quanto do ponto de vista epistêmico dessas relações de dominação em que etnias e saberes foram subalternizados. Busca-se assim, descentralizar os saberes, partindo para formas distintas de pensar e produzir para além dos apresentados pelo circuito europeu e norte-americano.

Para ademais da bibliografia decolonial, me baseio também na literatura feminista interseccional, em que aborda a mulher não-branca e as submissões em relações com seus pares seja pelo gênero, etnia ou religião. Podendo se tratar do mesmo modo de uma literatura feminista decolonial. Dessa forma, partindo das reflexões inerentes à obra de Nge Lay pautada na bibliografia escolhida, busca-se abordar um debate de cunho feminista sobre representatividades e silenciamentos de nossos corpos.

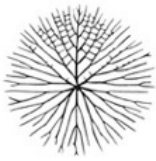
## **Resultados e discussão**

A obra levanta questionamentos sobre o local da mulher na sociedade e a relação da mulher com seu próprio corpo, especificamente a área genital. Lay comenta que o seu trabalho é uma obra consequente da “combinação de diferentes sentimentos, satisfação e insatisfação, orgulho e tristeza que advém de ser mulher<sup>1</sup>”. A artista ainda complementa que o interesse com seu trabalho é de “enviar uma mensagem de que a porta pela qual nascemos para o mundo não deve ser considerada impura”.

A “impureza” em que é tratado o órgão feminino é frequentemente relacionado ao ciclo menstrual. Com uma medicina escrita por homens, é por eles mesmos que a fisiologia feminina foi estudada e exposta ao longo dos anos. Com ignorância sobre o corpo da mulher, os homens retrataram a menstruação tantas vezes como “impura”, a estigmatizando não só para a sociedade masculina, mas para a feminina também. As raízes deste conhecimento gerado apenas por homens têm consequências profundas ainda hoje, quando as próprias mulheres acreditam que sua fisiologia é passiva de vergonha. Beauvoir (2009) ao falar das mulheres como o “segundo sexo” expõem as consequências deste saber insistentemente construído por homens, colocando as mulheres como um corpo estranho, um corpo segundo a ser representado. Esse

---

<sup>1</sup> Todas as citações de Nge Lay foram retiradas de entrevistas dadas para canais de arte e cultura internacionais. A tradução é livre da autora.



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE**  
**+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP**  
**+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**

processo histórico, ainda que não seja linear e que tenha tido suas resistências ao longo do caminho, deixou marcas profundas no entendimento das mulheres com o seu próprio corpo, invisibilizando sua anatomia e seus processos fisiológicos particulares.

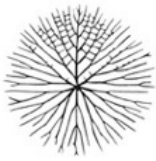
O material utilizado para tecer a obra de Nge Lay são os mesmos usados nas saias tradicionais vestidas diariamente pelas mulheres birmanesas, os *longyi*. Lay costura oito tipos de *longyi* de diferentes grupos étnicos do país. A escolha do material é interessante por se tratar de uma vestimenta tradicional, porém usada rotineiramente ainda no presente. Tanto homens quanto mulheres birmaneses usam *longyi* em seu cotidiano, porém o estilo das saias é diferente. Enquanto das mulheres existe uma fita de amarração na cintura, os homens apenas dão um nó no próprio tecido para amarrá-la. Apesar do comprimento até os pés das saias serem iguais independente do sexo, suas estampas variam das femininas para as masculinas. As das mulheres costumam ter temas florais e cores mais vibrantes, enquanto as dos homens são geralmente padrões de xadrez ou listras em cores mais escuras.

A escolha do material usado na obra de Nge Lay se torna uma leitura possível para a sociedade birmanesa e para aqueles que tem intimidade com a sua cultura no momento em que o código daqueles tecidos é compreendido e reinterpretado por aqueles que interagem com a sua obra. Ranciére (2009), quando discursa sobre a “Partilha do Sensível” em que aborda a forma em que as estéticas são possíveis de serem compartilhadas, percebe como as obras artísticas podem ter impacto social quando seus códigos são a partir de um comum. A escolha da artista pelos *longyi* femininos para a representação da vagina em seu trabalho parece uma escolha acertada mirando na representatividade e empoderamento dessas mulheres. É como agisse como um lembrete, de que todas as mulheres têm uma vagina por baixo de suas saias, e de que elas não podem mais ser silenciadas.

Para Lay, sua obra representa, além da maternidade, “valores culturais, a beleza da natureza, e o orgulho saudável de um país”. Em complemento existe um segundo elemento em sua obra. Um colchão para depois de quem atravessa a vulva. A artista diz que queria que as pessoas se sentissem a vontade para descansar após a travessia, caso quisessem.

Com dimensões políticas e sociológicas evidentes no seu trabalho, Lay afirma que o debate de gênero se faz necessário em sua realidade.

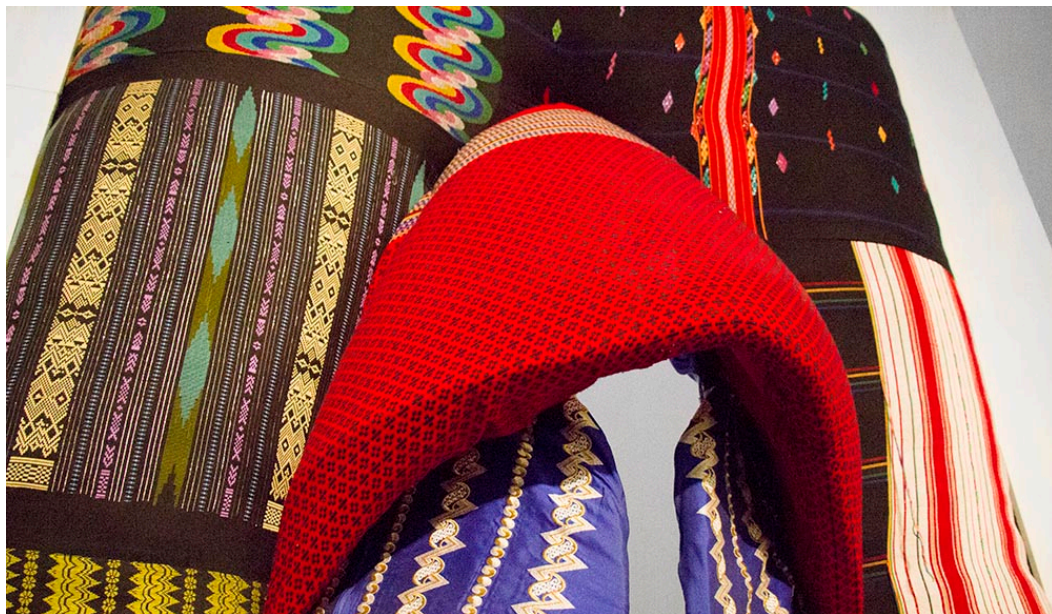
Na sociedade atual de Mianmar, a discriminação sexual em nossa vida cotidiana e no ambiente de trabalho não é tão forte quanto antes. No entanto, devido a convenções profundamente arraigadas, bem como a desequilíbrios econômicos e políticos, o papel das mulheres ainda não foi reconhecido. (Nge Lay, em entrevista para a revista digital Living Asean)



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE**  
**+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP**  
**+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**

Ao lado de sua obra, Nge Lay expõem um vídeo, no qual mostra mulheres de diferentes faixas etárias sentadas em roda sobre seu trabalho. Naquele momento, por não estar pendurado, não serve como um portal, mas sim como um local de repouso e de conversa. As mulheres convidadas discutem o que significa ser mulher em Mianmar, é como o machismo atrapalha ou até mesmo inviabiliza suas escolhas pessoais. Elas expõem as dificuldades em optar pelos cursos que gostariam, em exercer sua profissão de escolha ou ter a liberdade para poderem permanecer sem casar.



“Checkpoint” – Nge Lay, Bienal de Arte de Bangkok, 2018.

O trabalho de Nge Lay abre um importante debate sobre a condição de ser mulher na sociedade atual, especificamente em Mianmar. Apresentar uma vagina gigante como obra de arte em uma sociedade que não tem a palavra “vagina” em seu vocabulário, rompe com expectativas patriarcais e abre fissuras para recolocar a mulher e a relação com a sua sexualidade na sociedade. Os birmaneses, para se referirem à vagina, utilizam uma expressão que quando traduzida significa “corpo da mulher”, porém se referindo apenas à sua parte genital.

Enquanto o feminismo no ocidente tem larga discussão, sendo inclusive um tema recorrente na contemporaneidade, o feminismo asiático ainda é tímido, com papéis de gênero muito enraizados e defendidos tanto por homens quanto por mulheres. Mesmo que as questões feministas ocidentais e orientais tenham particularidades diferentes em seus andamentos e bandeiras, é possível encontrar intersecções nas demandas e narrativas. Questões sobre a liberdade e o empoderamento da mulher permeiam as discussões daquelas mais incomodadas com as exigências relacionadas ao seu sexo biológico.



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE**  
**+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP**  
**+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**

## **Conclusões**

Podemos relacionar o trabalho de Nge Lay com o ensaio de Gayatri Spivak (2010) “Pode o subalterno falar?”, no qual aborda a necessidade da descolonização das narrativas de poder, colocando a mulher negra (não-branca) como um sujeito sem voz, em que não tem espaço para se posicionar dentro do cenário político e social. Lay tenta romper com essa estrutura colonial em que seu trabalho é exposto demonstrando a necessidade de se falar do corpo da mulher em outras perspectivas que não a de subordinada, mas de empoderada de seu corpo. Acredito que a maior relevância da obra de Nge Lay, é a visibilidade que a artista possibilita destas vivências, lançando luz à discussões necessárias que rompem com o patriarcado birmanês. No momento em que uma vulva é exposta em um espaço de poder institucionalizado como um museu, se ganha novas perspectivas da anatomia feminina. Passando pela obra de Lay não é possível não notá-la e não falar sobre ela. Para além da porta construída pela vulva em seu entorno, se abre uma porta para a discussão feminina e sua valorização feminista.

É usando a obra de Lay como ponto de partida que pretendo abordar reflexões a partir de uma literatura feminista e decolonial. O patriarcado agiu e ainda age de diferentes formas ao redor do mundo, porém o incômodo causado pela anatomia feminina parece possível de ser identificada em diversas realidades. A vulva é silenciada frequentemente nos contextos em que a sexualidade da mulher é reprimida e controlada socialmente. Busco então, demonstrar o apagamento histórico da fisiologia feminina e suas consequências, ainda presentes no cotidiano das mulheres seja em Mianmar, seja no Brasil.

**Palavras-Chave:** Vulva; Arte; Mianmar; Feminismo; Decolonialidade

## **Referências Bibliográficas**

BEAUVOIR, Simone. O segundo sexo: fatos e mitos. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960a.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. 2005.

RANCIÈRE, Jacques. A partilha do sensível: estética e política. Tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: EXO Experimental org; Editora 34, 2005

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Pode o subalterno falar? 1. ed. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.